

FOME E POBREZA: PROBLEMAS SOCIAIS E QUESTÕES POLÍTICAS

Em entrevista concedida em março de 2005

*Frei Betto**

Nós sabemos que um problema social só é erradicado quando se transforma em uma questão política, como ocorreu com a tortura e com a escravidão. Historicamente, ambos não só foram legítimos, como também legais. Infelizmente, só muito recentemente a tortura e a escravidão se transformaram em questões políticas, passando a serem consideradas crimes hediondos e violações graves dos direitos humanos. Nós esperamos que no futuro a fome e a pobreza também sejam consideradas crimes hediondos e graves violações dos direitos humanos.

Frei Betto, 2005.

Alan Maia Silva - *Sua militância junto aos movimentos sociais não se destacava pelo envolvimento com o tema da fome. Por que e como o senhor se envolveu no Fome Zero?*

Frei Betto: Na verdade, todos os movimentos sociais com os quais eu sempre trabalhei são movimentos integrados por pessoas de baixa renda. Então, a questão da fome e a questão da justiça sempre estiveram muito presentes, porém eu nunca quis participar de administração pública, sempre tive resistência. Mas quando o presidente Lula, eleito, me convidou para a mobilização social do Fome Zero, eu achei muito de acordo com aquilo que eu sempre fiz, que é assessorar aos movimentos sociais. Assim, antes da posse dele eu já estava envolvido, ajudando o ministro Graziano e o Oded Grajew (que trabalhava comigo na mobilização) a criar uma concepção do Fome Zero que não fosse assistencialista, mas de inclusão social. E nós conseguimos isso. Muita gente, so-

* **Frei Betto** é frade dominicano, jornalista e escritor, ex-assessor especial da Presidência da República e ex-coordenador de mobilização social do **Fome Zero**

bretudo nas grandes cidades, sobretudo, ficou pensando que não existiria o Fome Zero, talvez porque eles esperassem uma grande gincana de coleta e distribuição de alimentos ou que veriam caminhões e carretas subindo do Rio e de São Paulo abarrotados de sacas de alimentos para serem distribuídas. O Fome Zero não era nada disso. Foi muito bom eu me envolver, eu gostei do trabalho que fiz ali por dois anos, principalmente estando em contato permanente com os movimentos sociais, com as denominações religiosas, as empresas, as universidades e criando uma equipe de educação cidadã no método de Paulo Freire que se chama Talher. Hoje esta funciona em uma rede de 800 educadores no Brasil.

AMS - *Qual a balanço que o senhor faz das ações empreendidas no país na última década para o combate à fome, considerando as ações da sociedade e as políticas públicas direcionadas ao problema? Considere o período anterior a 2003.*

Frei Betto: Eu tenho a impressão que antes a questão social era um derivativo de primeira dama, não era tomada com seriedade, como prioridade, como fez o presidente Lula. Segundo, eram paliativas, como mostra o programa de assentamento rural do governo Fernando Henrique Cardoso. Dos presidentes pós-ditadura, o único que levou mais à sério a questão social foi o Presidente Itamar Franco, quando ele criou o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional, que foi anulado pelo Presidente Fernando Henrique e foi reativado pelo Presidente Lula. Então, eu considero uma revolução na história republicana o Lula ter priorizado o Fome Zero e a Reforma Agrária. E devo chamar a atenção de que o Fome Zero é um dos três primeiros tópicos mais bem-vistos pela opinião pública, no que concerne ao governo Lula. Na última pesquisa sobre "o que você mais espera do governo?" o primeiro ponto era o combate ao desemprego e o segundo era o combate à fome. Ou seja, com o Fome Zero o governo está conseguindo criar algo muito importante, que é transformar um problema social: a fome, em uma questão política. Nós sabemos que um problema social só é erradicado quando se transforma em uma questão política, como ocorreu com a tortura e com a escravidão. Historicamente, ambos não só foram legítimos, como também legais. Infelizmente, só muito recentemente a tortura e a escravidão se transformaram em questões políticas, passando a serem consideradas crimes hediondos e violações graves dos direitos humanos. Nós esperamos que no futuro a fome e a pobreza também sejam consideradas crimes hediondos e graves violações dos direitos humanos.

AMS - *A Campanha da Ação da Cidadania Contra a Miséria, a Fome e pela Vida, criada em 1993, foi e é uma iniciativa absolutamente vitoriosa em sua capacidade de mobilização social e promoção de ações solidárias. No entanto, muitos especialistas no assunto, inclusive membros do governo atual, desacreditam tais iniciativas pelo seu possível viés assistencialista e descontinuidade das ações. Qual o lugar da solidariedade no combate à fome? Entre a garantia do direito à alimentação e a emergência de se saciar o faminto existe espaço para as campanhas pautadas na solidariedade?*

Frei Betto: Existe. No próprio Fome Zero essa solidariedade foi incentivada através da mobilização social, das entidades, igrejas e empresas parceiras do Fome Zero. Nunca houve nenhum conflito, nenhum antagonismo entre o Fome Zero e a Ação da Cidadania, pelo contrário. A Ação da Cidadania foi convidada para integrar o Fome Zero e o Consea. Agora, o perfil do Fome Zero realmente difere da Ação da Cidadania por uma razão muito simples: a Ação da Cidadania é uma atividade da sociedade civil e o Fome Zero é uma atividade da sociedade política, ou seja, é uma atividade de governo com pretensões de se transformar em uma política de Estado. Isso não é fácil, porque o Estado brasileiro é bastante condicionado pela pauta da elite brasileira. A elite brasileira não vê com bons olhos o Fome Zero, na medida em que, por exemplo, nesse ano de 2005 serão destinados 16 bilhões de reais para o Fome Zero, um dinheiro que antes a elite estava acostumada a receber de mão beijada. Então, isso cria impasses. Mas todo tipo de ação que reduza a desigualdade, que reduza a fome, que reduza a desnutrição, eu acho que é muito positivo e bem-vindo.

AMS - *Qual relação ideal entre Estado e sociedade, considerando responsabilidades e possibilidades de ação, deve ser estabelecida para se minimizar a fome?*

Frei Betto: Eu acho que o Estado tem um papel de mobilizador, por isso o presidente criou junto à presidência um gabinete de mobilização social e a sociedade tem o papel de fiscalizadora, de elementos de pressão, por isso nós criamos no Fome Zero os Comitês Gestores, que depois foram desativados e agora estão para ser novamente reativados, mas eles foram muito atuantes no primeiro ano do Fome Zero. A sociedade tem a função de implementar as políticas propostas pelo governo. Ou seja, como papel do governo, o ideal seria esse: fornecer os recursos financeiros, materiais e políticos. E a sociedade seria protagonista na implementação das políticas públicas.

AMS - *Qual a sua opinião sobre o Projeto Fome Zero original? O que dizer àqueles que o criticam por ser muito ambicioso e complexo?*

Frei Betto: Eu não vejo um Fome Zero original e um atual. Eu vejo uma continuidade entre os dois, na medida em que houve pequenas correções de rumo na mudança do ministro Graziano para o ministro Patrus. Porém, sempre o Fome Zero foi visto como uma proposta que deveria caminhar sobre três pernas, duas das quais caminham muito bem. A primeira é a distribuição de renda, através do Programa Bolsa Família, que até dezembro de 2004 beneficiava seis milhões e 500 mil famílias e esse ano deverá beneficiar oito milhões e 700 mil famílias de um total de 11 milhões e 400 mil que deverão ser contempladas até dezembro de 2006. A segunda perna é constituída pelas políticas emergenciais, tais como: distribuição de cesta básica, valorização da agricultura familiar, cooperativismo, restaurantes populares, cozinhas comunitárias, etc. Neste contexto, as condicionalidades das famílias beneficiárias – manter os filhos na escola; alfabetizar os adultos e seguir um programa de saúde – também vão bem. O que não caminha bem – a terceira perna – são as reformas estruturantes, principalmente a reforma agrária. Eu acredito que se o Fome Zero não for completado por essa reforma estruturante, ele estará fadado ao fracasso, criando um grande trauma hoje nos beneficiários, que o vêem com muita expectativa de caminharem para a inserção social.

AMS - *Você participou do governo desde o seu início. As principais dificuldades encontradas em 2003 para implementação do Fome Zero – que levaram muitos articulistas a acusar o governo de paralisia na área social – foram um ministro com perfil inadequado para a função, falta de estrutura do Mesa (Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar) e o gigantismo do projeto. O senhor concorda com esta perspectiva? O que mais poderia dizer sobre a questão?*

Frei Betto: Não, eu não concordo. O Fome Zero sempre foi um programa ousado e o Presidente Lula o propôs não só para o Brasil, mas está propondo internacionalmente. Agora, por exemplo, na posse do novo presidente do Uruguai, Tabaré Vasquez, ele já no seu discurso de posse falou que vai ter o *Hambre Zero*, o Fome Zero do Uruguai. Eu andei por vários países da América Latina que estavam interessados no Fome Zero durante esses dois anos de governo. Nestas oportunidades, eu sempre sublinhava que cada país tem que encontrar a sua maneira própria de implementar o programa e não simplesmente copiar o modelo do Brasil. Agora, o que falhou na primeira gestão do Fome Zero foi o ministro Gra-

ziano não ter logrado obter por parte do governo uma sinergia de todos os ministérios, autarquias e empresas estatais e públicas na direção do combate à fome, além de não ter gastado todos os recursos de que ele dispunha. Eu acho que o que está falhando agora é que tarda a reativação dos comitês gestores sem os quais o Fome Zero, como eu já disse, não irá adiante.

AMS - *Passados pouco mais de dois anos do seu lançamento, o Fome Zero é um sucesso ou um fracasso? Qual é o seu balanço?*

Frei Betto: O meu balanço é positivo por uma razão muito simples: em todas as pesquisas de opinião do governo Lula, realizadas desde janeiro de 2003, o Fome Zero aparece como o primeiro ponto positivo do governo. Isso porque ele atinge um contingente muito grande da população, ou seja, seis milhões e 500 mil famílias até dezembro. As pessoas sentem. Além disso, ele é complementado, por exemplo, pela política de microcrédito do governo, que se reflete nos índices da economia. Ou seja, há maior consumo, há maior ativação da indústria, embora o processo propriamente dito de inclusão social ainda esteja lento. Por isso, eu acredito que ele é um sucesso, mas, lamentavelmente. Funciona mal a propaganda do governo e uma grande parcela da sociedade ignora o êxito desse programa, a importância que ele tem e como participar dele.

AMS - *E o Bolsa Família? Qual é o potencial deste programa de transferência de renda?*

Frei Betto: O Bolsa Família tem um potencial muito grande. Na verdade, eu defendo a tese do senador Suplicy de que a todo brasileiro deveria ser consagrada uma renda a começar, claro, como o Bolsa Família começou, pelos de mais baixa renda, pelos que estão abaixo da linha da miséria, que segundo a ONU têm uma renda *per capita* de um dólar por dia ou 30 dólares por mês. O Bolsa Família tem um potencial muito grande, mas é preciso uma atenção para que as famílias cumpram as três condicionalidades já mencionadas. Na mobilização social nos criamos o Talher justamente para que as famílias não sejam apenas beneficiadas com bens materiais, como é a renda, mas também por bens simbólicos, porque eu estou convencido que mais importante do que o bem material é levar essas famílias a ter uma nova visão do mundo, um novo nível de consciência, a “fome de beleza”, da qual eu sempre falo. Quer dizer, trabalhar a subjetividade para que elas se tornem protagonistas sociais. Assim como várias pessoas no governo, a começar pelo presidente, vieram da pobreza ou até da miséria e lograram se transformar em sujeitos políticos. Então, acho que o Bolsa Família tem que ser

ampliado, – e está sendo, está caminhando muito bem – mas sempre complementado por esse trabalho de educação cidadã.

AMS - *Falando em agricultura e na questão rural, detectamos lentidão no assentamento das famílias e necessidade de importação, nos últimos anos, de alimentos elementares integrantes da cesta básica do brasileiro. São problemas que já estão colocados há bastante tempo na pauta de discussão, mas a sua superação esbarra em interesses econômicos muito poderosos. Como enfrentá-los?*

Frei Betto: Eu acho que o governo tem que agilizar a reforma agrária, por isso o meu descontentamento com o corte no orçamento do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Um corte de dois bilhões de reais, que levou o ministro Miguel Rosetto a fazer uma queixa pública. Também estou convencido de que o governo deve cumprir a sua proposta original do PPA (Plano Pluri-Anual) – que são as suas metas para 2007 – de valorizar o mercado interno, criar um grande mercado de massa e, portanto, fazer com que o agronegócio e o incentivo à agricultura familiar estejam mais voltados para o mercado interno do que para a exportação. São correções de rumo que eu gostaria de ver o governo Lula fazer.

AMS - *O senhor é notoriamente reconhecido por sua postura crítica e transparente na exposição de idéias e opiniões. Dentro do governo, o senhor recebeu críticas de Dom Mauro Morelli e oposição do Ministro Patrus Ananias, por exemplo. Qual a natureza dessas discordâncias?*

Frei Betto: Bem, primeiro eu queria discordar quanto ao ministro Patrus, eu nunca tive desentendimento com o ministro Patrus. Nós tivemos pequenas diferenças de ótica, não eram divergências, e que foram facilmente corrigidas. Apenas um setor da imprensa que gosta de incentivar a crise do governo, que quis colocar fagulhas onde houve sempre muito afeto. Agora mesmo um colunista de Minas Gerais disse que eu saí do Governo porque não queria ser conivente com corrupção no Fome Zero. Mentira! Não tem nada disso. Aliás, se eu descobrisse ou soubesse de corrupção no Fome Zero, um dos primeiros a saber disso, pela minha boca, seriam o presidente e o Patrus. Quanto ao Dom Mauro, é preciso perguntar a ele, porque ele me criticou em público, escreveu um artigo pesado, duro na *Folha de São Paulo*, com chamada de primeira página. Eu não saberia dizer as razões. Eu não brigo com irmão em público. Eu o considero meu irmão na fé, na Igreja. Admiro o trabalho que ele faz, mas essa pergunta teria que ser feita a ele, porque quem fez as críticas foi ele.

AMS - *Na sua área específica, o senhor acredita ter feito um bom trabalho? O que dizer da mobilização social em torno do Fome Zero?*

Frei Betto: Muito bom trabalho. Primeiro, eu tive a felicidade de ter como parceiro no primeiro ano de governo o Oded Grajew, que é o presidente do Instituto Ethos, com grande aceitação e acolhimento no meio empresarial, não só nacional, como internacional também. Aliás, ele que facilitou muito a entrada do Presidente Lula em muitos setores da esfera internacional para levar o Fome Zero. Segundo, eu tive todo o apoio do presidente, que sempre, dentro das dificuldades, da burocracia, da máquina do Estado, sempre se empenhou em me facilitar recursos, permitir a contratação da equipe do Talher, que hoje são dez dirigentes desse trabalho de educação cidadã. As duas pessoas que eu indiquei para substituir, tanto o Oded Grajew, quanto a mim, foram acolhidas e nomeadas e a mobilização continua de vento em popa. Eu só diria que ela não é maior porque ela precisava estar ancorada por uma forte campanha publicitária do governo e, infelizmente, a publicidade do governo ainda é um pouco anódina. Ou seja, você vê na televisão muitas peças publicitárias do governo, seja da Petrobras, da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, do Ministério da Saúde, da Previdência, das Forças Armadas, mas são raras aquelas que falam o que é que o governo está fazendo. São raras aquelas que têm a marca do governo Lula. Há certos cliques publicitários que passaram no governo do Itamar, Collor, Fernando Henrique seriam a mesma coisa. Então, como jornalista que sou, isso sempre me preocupou: como que o governo comunica mal tudo de bom e de bem que ele tem feito?

AMS - *Qual é o quadro atual dos programas operacionais da política voltado para a sociedade civil chamados de Copo, Prato, Sal e Talher? Quais resultados, se possível quantitativos, podem ser apresentados?*

Frei Betto: De tudo isso, o que mais funcionou foram os Talheres. É o que mais funciona. Os Talheres estão implantados nos 27 estados da federação, com uma equipe nacional dinâmica, que tem cerca de 800 voluntários, dos quais dez por cento são profissionalizados. Os Talheres realmente, funcionam com uma grande força de capilaridade nacional. Existem os Copos, que são os comitês de apoio ao Fome Zero, por aí... Lamentavelmente, não tínhamos estrutura, nem recursos para apoiá-los. Mesma coisa nos Pratos e nos Sais. Os Sais existem efetivamente com outro nome, são agentes de educação nutricional, agentes de segurança alimentar. Não importa que sejam outros nomes, o que importam é que existam. Mas com a desativação dos Comitês Gestores, com exce-

ção dos Talheres, todos esses componentes sofreram muito, foram desmobilizados. Mas o Ministro Patrus tem me assegurado que vai haver uma reativação dos comitês. Eu temo que com o passar do tempo seja muito tarde, porque o governo termina no ano que vem, mas, por outro lado, como eu estou convencido de que o presidente Lula será reeleito, espero que isso possa se ampliar desde agora, tendo maior efeito no próximo mandato.

AMS - *Por que os comitês foram desativados?*

Frei Betto: Porque houve uma polêmica no interior do governo sobre se a União deve pactuar com a sociedade civil também ou só com os entes federados, que são os governos dos Estados e dos Municípios. Em um certo momento, com a saída do ministro Graziano, prevaleceu essa segunda tese, que depois o presidente condenou e exigiu do ministro Patrus e do ministro José Dirceu, que é o responsável pelo planejamento geral do governo, a reativação dos comitês.

AMS - *Recente pesquisa divulgada pelo IBGE causou verdadeiro alvoroço na sociedade brasileira. A obesidade foi apresentada como um problema mais grave e muito mais extenso do que a fome. O que pensa sobre a pesquisa e seu impacto político?*

Frei Betto: Eu acho que o IBGE é muito sério, mas ele também cometeu um erro de comunicação. Primeiro, ele não detalhou que a pesquisa não alcançava toda a população brasileira e nem todos os níveis de idade. Segundo, esqueceu de precisar que muitas vezes a obesidade é causada pela fome. A obesidade é real, mas a fome no Brasil tem um quadro diferente da fome africana, retratada pelo Sebastião Salgado. Aqui as pessoas não têm aquela magreza esquelética, as pessoas aqui são obesas por problemas de distúrbio glandular, problema de hipertensão, problema de vermes, crianças barrigudas... Enfim, acho que faltou uma abrangência maior, uma contextualização da pesquisa. É por isso que, como a pesquisa foi mal comunicada, embora seja consistente, ela provocou esse impasse político.

AMS - *Houve muito aproveitamento político dela, correto?*

Frei Betto: Eu acho que é muito simples. Eu disse isso ao presidente. Se você quer saber onde está a fome no Brasil, qual o tamanho dela, faça um levantamento dos óbitos de crianças. Crianças só morrem de fome, não morrem de outra coisa nesse país. Não estão aí as crianças das aldeias indígenas morrendo de fome? Então, é de fome, não tem outra razão. E a pesquisa não abrangia esse público, isso não foi dito.

Ficou naquela faixa de adultos em que, de fato, a obesidade pode ser maior que a fome, porque o adulto resiste mais à falta de nutrientes essenciais, porque a fome no Brasil não é necessariamente uma falta de comida, é uma falta de nutrientes essenciais. Pessoas que se alimentam mal, que se alimentam de um ou dois alimentos quase que o ano inteiro, como mandioca ou macaxeira, ou feijão. Isso provoca a obesidade, essa falta de componentes essenciais, certas proteínas importantes.

AMS - *O senhor já apresentou publicamente as suas justificativas por ter deixado seu cargo no governo. Naquilo que diz respeito a sua função específica, o senhor guarda alguma frustração? Há algo que gostaria de ter feito e não pôde?*

Frei Betto: Gostaria de ter feito muito mais, dez vezes mais do que foi possível fazer, mas, infelizmente, por força do contingenciamento financeiro e da estrutura do próprio governo, que não investiu muitos recursos nas assessorias especiais, eu não tive os instrumentos para isso. Eu gostaria de ter, por exemplo, assim como os ministros têm, direito ao uso de aviões da FAB (Força Aérea Brasileira). Se a mobilização social, durante um ou dois meses, tivesse esse direito nós poderíamos ter levantado esse país no apoio à mobilização do Fome Zero. Isso não foi possível, lamento, mas por outro lado agradeço a Deus por ter saído muito satisfeito. Não só no meu ponto de vista, mas no ponto de vista do presidente, no ponto de vista dos jornalistas que seguiram o meu trabalho, enfim. As pessoas perceberam que eu me empenhei o máximo que pude e se mais não fiz foi por falta mesmo de recursos, de possibilidades.

AMS - *O Presidente Lula prometeu que até o final de seu mandato todo brasileiro teria três refeições diárias. Acredita que conseguirá cumprir essa promessa?*

Frei Betto: Eu acho que foi uma figura de retórica essa questão das três refeições diárias. Acredito que o mais importante é que ele estava dizendo com isso que a prioridade do seu governo seria o combate à fome. E eu espero que ele não a abandone, porque essa prioridade depende da segunda prioridade, que foi definida em uma reunião ministerial na qual eu estava no ano passado, que é a reforma agrária. Por isso eu volto a dizer: me preocupa muito esse corte no orçamento da reforma agrária de 2005 e acredito que se esse corte se mantiver, e se o Brasil não aprender com a Argentina a renegociar a sua dívida pública, com certeza o presidente não vai alcançar a sua meta, o seu objetivo. E isso vai ser

muito grave para a sua figura na história desse país, mas, sobretudo, para as famílias que se verão frustradas depois de terem colocado a sua esperança nessa política social, depois de terem passado anos recebendo uma renda para se alimentar melhor, não terem a perspectiva de inclusão social. Essa inclusão não se dará, a meu ver, sem a reforma agrária.

AMS - *Se 2006 não é uma meta factível, de qualquer forma, o senhor acredita que caminhamos efetivamente na direção da superação da fome?*

Frei Betto: Acredito. Como eu acredito que o presidente tem mais seis anos pela frente. E eu acho que até lá vamos conseguir isso. Pelo menos reduzir isso significativamente. A começar pelo índice da mortalidade. É só ficar atento. Hoje são 29 em cada 1.000 crianças nascidas vivas no primeiro ano de vida. Eu acredito que vá haver uma redução substancial.